

DESENVOLVIMENTISMO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Em toda a parte se encontram hoje pessoas preocupadas com o desenvolvimento do Brasil, com o engrandecimento do Brasil, com o enriquecimento do Brasil. Muito bem! Isto é evidentemente um bom sinal, uma especie de despertar, uma tomada de consciencia do tempo perdido e do atraso em que nos encontramos. Em linguagem tecnica somos um povo subdesenvolvido. A julgar pela onda desenvolvimentista parece que já nos pesa tal classificação. Muito bem. Mui-tissimo bem.

Há, entretanto, na composição dessa onda, uma coisa, ou melhor a ausencia de uma coisa que diminui meu entusiasmo pelo clamor. Todos desejam a emancipação economica do Brasil. Todos apontam os trusts e os imperialismos, como pressões que se opõem ao nosso crescimento. Todos querem que seja nosso o nosso petroleo, e alguns chegam até a querer que seja nosso o petroleo da Bolívia. Todos se entusiasmaam com as instalações de refinarias e com a construção de novas centrais hidroelétricas. Todos se emocionaram com a inauguração do reator que permitiu o ingresso do Brasil na era atomica. Muito bem. Até aqui estamos de acordo, com algumas pequenas ressalvas. A minha estranheza começa quando observo que o entusiasmo desenvolvimentista parece crescer em proporção direta com a indiferença à forma politica e à perfeição desta forma que deveria, a meu ver, constituir a preocupação principal, de todos os ardores patrióticos. Eu não consigo compreender como poderá progredir um país mal governado. Costumo às vezes jogar umas partidas de xadrez com amigos que há pouco tempo se iniciaram no nobre jogo, e como ainda conservo uns restos da galhardia de vinte anos atrás dou um partido de torre e mesmo assim costumo ganhar. Isto prova que meus jovens parceiros, apesar da grande vantagem material, não sabem governar bem suas peças. Usam mal seus peões e seus cavalos, e quando menos esperam perdem a dama. No tabuleiro nacional também podem ser mal jogados os peões e os cavalos, como se viu, por exemplo, no caso da verba para a alfafa dos ditos cavalos. Podem os jogadores rocar as refinarias, e até, com o devido respeito, usar os diagonais prestigiosos dos bispos sem com tudo isto lograr uma boa posição para a dama e para o rei, e onde digo rei e dama leiam pai e mãe de familia e logo verão onde quero chegar. Quero chegar naquilo que deve ser o termo, a meta final de toda atividade desenvolvimentista: a vida melhor para nós. Ora não se vê sinais dessa melhoria. Ninguém contestará que a exploração de nosso proprio petroleo seja um triunfo, uma 'orre; mas não se vê, não se sente até hoje o efeito da peça economica em nossas vidas. A conclusão que tiro, e que me parece inevitável é a seguinte: coincide com este periodo de crescimento material uma tal ruindade politica que basta para neutralizar os beneficios daquele crescimento. Justamente na hora em que surgem para nós tantos elementos favoráveis temos a má sorte de não sabermos aproveitá-los. A prova está aí nas ruas e em casa, nos serviços publicos e na economia domestica. Em outras palavras, concluo que os entusiasticos desenvolvimentistas, pelo amor que têm ao petroleo, à siderurgia e a energia atomica, deveriam demonstrar uma grande sensibilidade politica e grande severidade para com o mau governo que despregia tão magnificos estandartes. Não é isso entretanto o que se vê. Ao contrario, o que se vê no meio onde mais se fala em desenvolvimento economico e emancipação do Brasil é a indiferença, e até a simpatia pelo governo que malbarata não só as riquezas materiais como também as esperanças nelas depositadas. Talvez se explique tal simpatia pelo fato de existir um traço de união entre os desenvolvimentistas e os homens da situação: todos, de ambos os lados, falam muito da mesma cousa. E então, arrastado por lógica irresistível, embora a contragosto, concluo que todo esse desenvolvimento é uma enorme conversa fiada.

Para provar a inconsistencia desse palavrorio do programa de metas, basta considerar o raciocinio publicado pelo Presidente da Republica, em seu discurso televisado em 31 de janeiro. Abordando com sorriso feliz a meta nº 27 (Implantação da Industria Automobilistica no Brasil), o Presidente da Republica começou por enumerar cifras indicadoras do numero de automoveis por cabeça em cada um dos grandes países do mundo. Não me lembro dos numeros, nem tenho aqui como recuperá-los. Suponhamos os seguintes:

nos Estados Unidos um automovel para cada tres habitantes, na Inglaterra um para cinco habitantes, na França um para cada sete habitantes, -etc. etc. e no Brasil um para cada trinta habitantes. O essencial a reter é que no Brasil há muito poucos automoveis para a população. Essa é a premissa. Conclue então o Presidente que precisamos montar fábricas de automoveis. Ora, essa conclusão, com o perdão da palavra, é um disparate. Concluiria eu, sem ter à mão assessores, que precisamos abrir escolas, ou que precisamos abrir estradas, ou que precisamos fazer uma reforma agrária, ou que precisamos melhorar politica imigratoria, ou até, porque não? que precisamos apurar as responsabilidades da agressão praticada por oficiais do exercito contra o 5º Distrito. Porque naquela premissa não está contida a ideia de falta de automoveis e sim a ideia de falta de dinheiro no bolso dos brasileiros. Automoveis há, em abundancia; capacidade de aquisição é que nos falta. Como já tive ocasião de mostrar em artigo anterior, o preço de um Chevrolet nos Estados Unidos é igual a onze ou doze salarios mensais de uma criada domestica. Aqui no Brasil, com a industria implantada como anunciou o Presidente, um carrinho que vale a metade de um Chevrolet é igual a dezenove ou vinte salarios de professor universitario. Note bem o leitor que não contesto a utilidade da implantação da industria automobilistica no Brasil. O que estranhei, em artigo anterior foi o preço fantastico com que aqui se inaugurou esse investimento. E o que contesto no artigo de hoje é a lógica presidencial. Achei-a primaria, ou então, se preferem, impostora. Em resumo o que se passou foi o seguinte: o mesmo governo que tornou inacessível o preço do automovel, e que resistiu tenazmente a todas as tentativas de barateamento, como aconteceu durante a discussão do projeto Bilac Pinto, e que depois tornou inaplicavel o projeto, esse mesmo governo vem agora, na televisão, lastimar o pequeno numero de automoveis existentes no Brasil, e vem concluir que o remedio para tal deficiencia está na implantação da industria nacional, a qual industria põe no mercado automoveis por preços

altíssimos, baseados num desvalorizado regime cambial. E ainda por cima, com ar de quem se gaba, confessa o mesmo governo ter concedido aos capitalistas estrangeiros enormes favores.

Voltando ao tema de hoje, torno a dizer que a conclusão acertada que se pode tirar daquelas premissas (poucos carros por mil habitantes) é a de que precisamos elevar o nivel economico e cultural do brasileiro. O pequeno numero de automoveis é um indice cultural correlato aos outros de que nos envergonhamos. Ao numero de analphabetos. Ao numero de crianças que não conseguiram vagas nas escolas municipais da velha capital, talvez porque estejam reservadas para elas numerosas vagas em Brasília. Ao numero de crianças que chegam à escola em jejum, e para as quais a merenda escolar é a feição.

O que há de comum entre a atitude dos desenvolvimentistas e a atitude do governo é a ausencia das dimensões humanas no equacionamento dos problemas nacionais. Os ufanistas dos parques industriais pensam que o país pode progredir com mau governo, pela simples força dos fatores materiais. O governo apregoa um progresso que não se concretiza em bem-estar, e pensa, ou finge pensar que uma nação pode progredir pela má-gica dos investimentos, sem que progridam seus habitantes. No discurso presidencial, como nas conferencias dos desenvolvimentistas nota-se a mesma obliteração, o mesmo desumanismo, a mesma concepção mecanica e totalitaria da sociedade. Para eles a grandeza de uma nação está na propria nação tomada como um bloco e como termo de todas as atividades politicas; para nós a grandeza de uma nação está na elevação dos seus habitantes. Para nós Brasil não é o equilibrio da balança comercial, não é produção ou produtividade, não é divisas, não é petroleo; Brasil somos nós. Aquelas coisas têm de ser ordenadas ao nosso bem-estar e à nossa dignidade. Para eles a grandeza de uma nação se mede por barris de oleo ou por satélites artificiais. Para nós essas coisas são puros meios, e não titulos de glória. Para mim, titulo de glória é por exemplo o fato de poder uma criada domestica comprar um automovel.